

# Resenha do livro “Escute as feras”

Autora Nastassja Martin  
Ano de publicação: 2021  
Editora 34

Ligia Bruni Queiroz<sup>1</sup>

---

*“Cada sonho tem pelo menos um ponto em que ele é insondável, um umbigo, por assim dizer, com o qual ele se vincula ao desconhecido”*

*(Freud, S. A interpretação dos sonhos)*

*“Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira. Material poroso, um dia viverei aqui a vida de uma molécula com seu estrondo possível de átomos”*

*(Clarice Lispector. A hora da estrela)*

O urso, a essa altura, já se foi há muitas horas, e eu espero, espero a bruma se dissipar. A estepe está vermelha, as mãos estão vermelhas, o rosto intumescido e dilacerado já não é o mesmo. Como nos tempos do mito, é a indistinção que reina, sou essa forma incerta de traços desaparecidos sob as brechas abertas no rosto, coberta de humores e de sangue: é um nascimento, pois claramente não é uma morte. (Martin, 2021, p. 7)

A antropóloga francesa Nastassja Martin acaba de encontrar o urso e o livro assim se inicia, numa narrativa percorrida pelo tempo do mito, escrita após o

---

1. Médica, membro filiado ao Instituto de Psicanálise Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP. Mestre, doutora e pós-doutora pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

“corpo a corpo com o urso”. Pesquisadora dos Even, povos indígenas habitantes da península de Kamtchátka, na região leste da Rússia, Martin fora nomeada *mátukha*, palavra even que significa urso.

Penso na minha história. No meu nome even, *mátukha*. No beijo do urso em meu rosto, nos seus dentes que se fecham em minha face, no meu maxilar que estala, no meu crânio que estala, na escuridão dentro da sua boca, no seu calor úmido e no seu hálito carregado, no aperto de seus dentes que se soltam, no meu urso que, bruscamente, inexplicavelmente, muda de opinião, seus dentes não serão os instrumentos de minha morte, ele não me engolirá. [...] Não existem mais absurdos, estranhezas, coincidências fortuitas. Existem apenas ressonâncias. (p. 16)

Martin sobrevive ao ataque do urso siberiano, que leva consigo um pedaço do seu maxilar e dois dentes, tem seu rosto dilacerado, quebrado e retalhado. O ocorrido passa, então, a ter outra nomeação, de incidente para o encontro com o alter, “o acontecimento urso”, situando a antropóloga num ponto de mutação existencial, deflagrado pela fusão das polaridades – natureza e cultura, homem e animal, pesquisadora e objeto de pesquisa.

Nastassja recebe os primeiros cuidados médicos em centros hospitalares russos até ser transferida para a França, para o hospital Salpêtrière, onde decidem trocar a placa maxilar russa por uma francesa. Seu corpo se tornou palco de uma série de disputas, narradas com humor: uma verdadeira guerra fria médica franco-russa. “Como é um urso que chega à Salpêtrière por intermédio do meu corpo e, ainda por cima, um urso russo, a equipe do hospital coloca em prática todos os procedimentos de segurança e prevenção: estou de quarentena” (p. 36).

A antropóloga constrói a alegoria do corpo-território de forma bem-humorada para descrever sua metamorfose: um corpo-urso exposto a dolorosas e intermináveis intervenções médicas. O corpo como um território onde cirurgiãs ocidentais dialogam com ursos siberianos. O corpo transformado em um pequeno país onde se tecem relações frágeis e delicadas. O corpo como um país vulcânico, onde tudo pode mudar a qualquer momento. Nastassja se vale do humor como um remédio imbatível em situações extremas. Para Freud, o humor é uma qualidade preciosa, uma capacidade que nem todos possuem: “O humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do Eu, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias” (Freud, 1927/2014, p. 325).

Martin, estudiosa da teoria etnográfica dos laboratórios de pesquisa franceses, tensiona as noções de animismo, liminaridade e identidade a partir da experiência com seu próprio corpo transicional – ela, vivendo no tempo do mito, elabora radicalmente sua própria passagem de um estado de humanidade a outro. Permanecer viva, tanto diante do urso, quanto diante “daquilo que virá” neste mundo, é aceitar a retomada na forma de uma transformação estrutural, ou seja, Nastassja estabelece uma relação de conexão, de comunicação, de ponte entre os dois mundos, ultrapassando as concepções unívocas de limites. Um urso e uma mulher se encontram e as fronteiras entre os mundos implodem: os limites físicos entre o humano e o bicho, o tempo do mito que encontra a realidade, o outrora que encontra o atual, o sonho que encontra o encarnado.

“Nástia, você perdoou o urso? [...] É preciso perdoar o urso. [...] Ele não quis matar você, ele quis marcar você. Agora você é miêdka, aquela que vive entre dois mundos” (p. 23). A palavra even *miedka* designa quem sobrevive ao encontro com o urso e se torna marcada pelo animal. O termo remete à ideia de que a partir dali a pessoa é metade humana, metade urso, encontra-se em um estado de liminaridade. A noção de liminaridade no campo da antropologia é formulada a partir dos estudos do antropólogo Van Gennep (1978) sobre os ritos de passagem, isto é, as cerimônias que costumam nos acompanhar na passagem de uma condição a outra, de um mundo cósmico ou social a outro a partir de uma sequência de processos de transição, conhecidos pelas três etapas em que se desenvolvem – rito de separação, período de margem, rito de reagração.

Revivendo as cenas das semanas e das horas precedentes ao acontecimento narrado no livro, quando percorreu com os dois amigos Even o caminho exaustivo da floresta de Kliutchi na direção dos vulcões, a autora descreve as circunstâncias e os motivos de seu distanciamento do grupo, que a levaram ao encontro com o urso: “Sob minha forma de fera, caminho no planalto de altitude. É o término da nossa viagem, o vulcão se perde nas brumas, o glaciário espalha suas últimas fendas, já sem profundidade” (p. 42).

Nesse momento, Nastassja é tomada por uma urgência de se subtrair do mundo exterior, da paisagem. Como Clarice Lispector, que escreve a partir do mergulho nas águas de seu psiquismo, navegando nas intempéries das correntezas do rio de margens instáveis e transitórias, como o próprio inconsciente, Martin rompe com o mundo e se deixa levar por uma forma de contemplação mórbida. Seu olhar não se dirige mais para o chão ou para

o céu, é para dentro de si que ela olha e se esquece do mundo externo: é o cansaço, o medo, a tensão e, sobretudo, sua melancolia interior que nem mesmo a mais distante das expedições pôde curar. “Mas essas são apenas as circunstâncias, os motivos do meu esquecimento, estes, pertencem ao tempo do sonho e só se deixam apreender fugazmente à noite, na mais profunda escuridão” (p. 44).

Já parcialmente recuperada, a antropóloga não aceita por completo a interpretação de sua analista, ao se referir ao “acontecimento urso” como a materialização de um limite, isto é, a projeção, no urso, de toda sua violência e pulsão de morte. Ela refuta a explicação funcionalista e projetiva e abraça o não saber, sem renunciar, paradoxalmente, ao desejo de compreender mais, fazendo com que a narrativa de Martin caminhe para uma ruptura com o saber epistemológico, em direção à compreensão ontológica de sua existência. A autora adota o termo ressonância no lugar de correspondência e assim questiona o encontro com a fera: “Por que nós nos escolhemos? O que tenho em comum com a fera e desde quando?”

Aqui a narrativa se depara com a fonte da qual brota o trabalho psicanalítico e sua ética, o encontro com o infantil, com a criança no adulto, um mergulho profundo nas águas turvas do passado. Martin atribui sentido à sua vida por meio da incessante elaboração de si mesma a partir do encontro com o alter, levado a cabo no trabalho etnográfico. O trecho que segue é significativo nesse sentido:

Creio que, ainda crianças, herdamos territórios que nos será preciso conquistar ao longo de toda a vida. Quando pequena, queria viver porque existiam as feras, os cavalos e o chamado da floresta; as vastidões, as montanhas elevadas e o mar tempestuoso; os acrobatas, os equilibristas e os contadores de histórias. A atividade se resumia à sala de aula, à matemática e à cidade. Felizmente, no começo da idade adulta, encontrei a antropologia. Essa disciplina constituiu para mim uma porta de saída e a possibilidade de um futuro, um espaço onde me exprimir neste mundo, onde me tornar eu mesma. Simplesmente não medi o alcance dessa escolha, e menos ainda as implicações que meu trabalho acerca do animismo acarretaria. Sem saber, cada uma das frases que escrevi sobre as relações entre humanos e não humanos no Alasca me preparou para esse encontro com o urso, prefigurou-o de alguma maneira. (p. 60)

Nastassja volta ao Grande Norte<sup>2</sup> um ano depois do encontro com o urso, decidida de que é preciso se afastar de seu mundo habitual para se curar, proteger-se das pessoas, dos médicos, das prescrições e dos diagnósticos, longe dos antibióticos, da luz elétrica. Seu período à margem requer a escuridão, uma gruta, um refúgio:

[...] quero velas à noite, luzes suaves e difusas, frio do lado de fora, quente do lado de dentro e peles de animais para calafetar as paredes. Mãe, devo voltar a ser a *mátukha* que desce para sua toca para passar o inverno e recuperar as forças vitais. E além do mais, há mistérios que ainda não entendi por inteiro. Preciso voltar para perto daqueles que conhecem os problemas dos ursos; que continuam falando com eles em seus sonhos; que sabem que nada acontece por acaso e que as trajetórias de vida se cruzam sempre por motivos bastante precisos. (p. 63)

Martin possui dois cadernos de campo utilizados em suas pesquisas etnográficas. O caderno diurno, em que estão os registros minuciosos, as transcrições dos diálogos, numa escrita organizada e ordenada de forma estável, objetiva, inteligível e compartilhável. O outro é o noturno, cujo conteúdo é parcial, fragmentado e instável. Os dois cadernos expressam a dualidade da pesquisadora: a de dentro e a de fora – o caderno noturno abriga a escrita “[...] automática, imediata, pulsional, selvagem, que não tem outra vocação além de revelar o que a atravessa, um estado de corpo e alma num dado momento” (p. 27).

O caderno diurno contém os registros mais controlados e paradoxalmente menos bem-acabados, objeto de reflexão e enquadramento dos constructos epistemológicos da antropologia. Martin nasceu em Grenoble, em 1986, estudou antropologia na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, defendeu o doutorado em 2014, sob a orientação de Philippe Descola, com uma tese sobre os *Gwich'in* do Alasca, intitulada *Les âmes sauvages* (Paris: La Découverte, 2016), tese agraciada com o prêmio Louis Castex da *Académie Française*.

Mas é pelo caderno noturno que Nastassja vai elaborar seu “acontecimento urso”. É pelo tempo do mito, isto é, pelo tempo do sonho que ela refaz o trajeto até a península de Kamtchátka e retorna à casa de Dária, sua mãe Even,

---

2. O Grande Norte é designado por Martin como sendo as partes do hemisfério norte com baixa densidade humana ocupada pela taiga, tundra e as regiões glaciais do Ártico, incluindo territórios do norte do Canadá, do Alasca, da Sibéria, da Groelândia, o norte da Rússia europeia e o norte da Fino-Escandinávia.

um ano após o ocorrido, como forma de buscar a compreensão de si mesma, seu ser ontológico.

O livro contém o registro de uma série de sonhos. Talvez aí se insinue a verdadeira distância entre o saber antropológico clássico, eurocentrado, com o qual Martin dialoga no enquadramento epistemológico para a análise e escrita de seu trabalho de campo, e a própria experiência do campo. É munida de uma abertura para o encontro com seus sonhos que a antropóloga vai “ver” o campo e atribuir sentido ao “acontecimento urso”.

Nastassja não para de sonhar ao retornar à casa de Dária. O sonho dos cavalos na neve, em especial, é muito significativo: ela está sozinha na tundra, uma centena de cavalos irrompe em sua direção. Uma nuvem de neve se levanta, Martin se vê ofuscada e se prepara para o impacto; porém, isso não acontece, ela sente a respiração deles passar à direita, à esquerda, repetidas vezes e mais nada. Ela se vira, a nuvem branca se dissipa e desaparece. Ao acordar, Dária a observa sonhar e pergunta: “o que você viu?”. E prossegue dizendo que

os cavalos são sempre um bom sinal. Eles não estão longe, falam com você e não é com palavras, porque você não os teria entendido. Se você os viu, estão falando com você. [...] Para sonhar é preciso estar deslocada, você está tão longe de sua casa... não surpreende que você veja tantas coisas. (p. 80 e 82)

Algo semelhante ocorreu com a antropóloga Hanna Limulja em meio a sua etnografia sobre os sonhos dos Yanomami: em um determinado momento da pesquisa, após ter registrado mais de cem sonhos, ela passou a “ver” os sonhos no cotidiano yanomami (Limulja, 2022).

Recupero um sonho localizado no segundo capítulo do livro, narrado por Nastassja para a psicóloga hospitalar durante sua internação na Salpêtrière. A antropóloga está no jardim da casa de sua infância e vê sair do poço um urso grande, marrom-claro, fulvo, sente seu estômago se contrair de medo, e depois mais um, sentado na mesinha redonda de pedra, escuta rugidos, e há um terceiro urso saído da cabana. O primeiro urso avista Martin e segue em um passo indolente em sua direção:

Me ponho a correr, mas sou lenta demais, detesto isso, essa câmera lenta própria ao tempo do sonho que tolhe os membros, sobretudo quando se deve fugir. Passo ao lado deles, quero chegar à porta da varanda atrás da casa, penso que vão me pegar, corro, me arasto, tenho que usar minhas mãos que se agarram ao chão como um quadrúpede para

tentar acelerar o passo, a porta se aproxima, eu praticamente escalo o chão na horizontal e, num derradeiro elã, me precipito para dentro e bato a porta atrás de mim. (p. 46)

Na leitura do livro, a temporalidade dos sonhos é algo fugidia. Não é possível ter clareza do momento em que os sonhos são sonhados, se antes ou após o encontro com o urso. É disso que tratam as próximas passagens sonhadas e elaboradas por Martin, quando ela admite, sem conseguir explicar a si própria, que o "acontecimento urso" foi "planejado", pois um terreno estava sendo preparado há tempos. O registro em seu caderno noturno dá sinais dessa antecipação:

30 de dezembro de 2014

Na véspera da transição ao outro ano à outra vida

ao outro eu ao outro simplesmente

Eu tremo de medo

A sombra é densa a noite me ofusca

Prisioneira de meu corpo imóvel o joelho pregado na terra

a cabeça inclinada para o chão

Eu espero

Que o bicho de dentro se recomponha e recupere seus direitos

Que ele se apodere de sua potência

Os dias se alongam a toca se estreita

A hora de sair à luz do dia está próxima

Das garras que se fincarão novamente na poeira

nascerá um vulcão

E quando ele ganhar vida

É a terra que vai tremer. (p. 65)

A antropóloga já era *mátukha* antes do encontro com o urso, uma mulher que nunca buscou pacificar sua vida nem seus encontros. Nastassja pensa melhor quando está imersa nos momentos de crise, diante da possibilidade de outra vida, de outro mundo. Foi procurar nos planaltos de altitude aquele que, afinal, revelaria a guerreira dentro de si e, por isso, quando o urso atravessou seu caminho, não fugiu, ao contrário, mergulhou na batalha feito fúria. A cena acontece nos dias de hoje, mas poderia ter ocorrido há mil anos:

Quando o avisto, ele já está em cima de mim, tão surpreso quanto eu. Estamos a dois metros um do outro, não há escapatória possível, nem para ele, nem para mim. Dária

tinha me dito: se você encontrar um urso, diga a ele “não vou tocar em você, você também não toca em mim”. Sim, certamente, mas não aqui. Ele me mostra os dentes, deve ter medo, também tenho medo, mas, sem poder fugir, eu o imito, mostro a ele meus dentes. Tudo se passa muito rápido em seguida. Colidimos, ele me derruba, minhas mãos estão nos pelos dele, ele morde meu rosto, depois a cabeça, sinto meus ossos estalando, penso comigo mesma, estou morrendo, mas eu não morro, estou plenamente consciente. Ele me solta e pega minha perna. Aproveito para sacar minha piqueta, que ficou na minha correia desde a descida do glaciador logo ali atrás, bato nele com isso, não sei onde acerto pois estou com os olhos fechados, sou apenas sensação. Ele cede. Abro os olhos, vejo-o fugindo ao longe, correndo mancando, vejo o sangue na minha arma improvisada. E fico ali, alucinada e ensanguentada, me perguntando se vou viver, mas eu vivo, estou mais lúcida que nunca, meu cérebro roda a mil por hora. Penso: se eu sair dessa, será uma outra vida. (p. 96)

Nastassja completa as etapas de seu ritual de passagem e vai embora do Grande Norte, da casa de Dária, para escrever sobre os Even, sobre ela. Vai fazer o que sabe fazer, antropologia. Assim, o livro caminha para o fim, com esse diálogo tocante entre a antropóloga francesa e sua mãe Even:

- E como se faz isso de antropologia?
- Não sei como se faz isso, Dária. Sei como eu faço. Eu me aproximo, sou captada, eu me afasto ou fujo. Retorno, capto, traduzo. Aquilo que vem dos outros, que passa pelo meu corpo e que vai embora para não sei onde. Você está triste?
- Não, diz Dária, e você sabe o porquê. Viver aqui é esperar pelo retorno, das flores, dos animais migratórios, dos seres que contam. Você é um deles. Vou esperar por você. Não digo nada, estou emocionada. Eis minha libertação. A incerteza: uma promessa de vida. (p. 104)

O livro se revela, também, uma busca ética e engajada de Nastassja pela escrita etnográfica. Qualquer semelhança com o ofício psicanalítico não é mera coincidência.

## Referências

- Freud, S. (2014). O humor. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 17, Paulo César de Souza, trad.). Companhia das Letras. (Original publicado em 1927).



- Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 4, Paulo César de Souza, trad.). Companhia das Letras. (Original publicado em 1900).
- Limulja, H. (2022). *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos Yanomami*. Ubu.
- Lispector, C. (1998). *A hora da estrela*. Rocco.
- Martin, N. (2021). *Escute as feras*. Editora 34.
- Van Gennep, A. (1978). *Os ritos de passagem*. Vozes.

Recebido: 30/10/2023

Aceito: 15/02/2024

---

**Ligia Bruni Queiroz**

ligia.bruni31@gmail.com